

## SECULARIDADE NA PERSPECTIVA FRANCISCANA

Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão por este convite, que me permite estar convosco, pelo menos por um dia que consegui arrancar do trabalho do Definitório em Roma. Carrego comigo as boas lembranças de inúmeras conferências A e JP, antes da Covid, e gostaria de ter participado desta também, mas não pude. A ocasião deste dia é, portanto, particularmente bem-vinda para mim. Obrigado!

### *Secularidade segundo o Espírito*

Pediram-me para falar sobre a *secularidade em perspectiva franciscana*.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer algumas palavras sobre a *secularidade*. Por secularidade entendemos aquela relação com o mundo que é verdadeira para cada cristão e que se assume como um carisma específico na vossa vocação.

Esclareçamos primeiro isto: a secularidade não é uma prerrogativa apenas dos institutos seculares. É uma verdadeira dimensão para cada cristão, que vive no mundo e por isso deve gerir uma relação cristã com o mundo. Neste sentido, a secularidade é uma dimensão de toda a Igreja, isto é, de todos os cristãos, mesmo dos sacerdotes e dos religiosos, porque vivem no mundo. Como nos ensinou a *Gaudium et spes* no Concílio Vaticano II, a Igreja vive no mundo e «sente-se realmente e intimamente solidária com o gênero humano e com a sua história».<sup>1</sup>

Neste horizonte geral, verdadeiro para cada batizado, alguns cristãos, como vocês, sentem-se particularmente chamados a identificar a sua vocação nesta relação com o mundo: assim a secularidade, que é um elemento comum a todos os cristãos, torna-se também um carisma especial para alguns homens e mulheres que captam a sua intuição espiritual específica neste estar no mundo. Como disse um bom teólogo, Giovanni Moiola, é uma “secularidade segundo o Espírito”. É o Espírito Santo, de fato, quem dá essa intuição. Podemos compreender isto pensando em como nasceram os institutos seculares entre o final do século XIX e o início do século XX, quando os leigos, por uma série de razões, começaram a tomar consciência da sua vocação na Igreja, especialmente através de associações como a Ação

---

<sup>1</sup> *Gaudium et Spes* 1

Católica. Pensemos em Armida, que fundou a Juventude Feminina da Ação Católica, e percebeu que esta vida, dedicada ao Reino de Deus, pode ser uma verdadeira vocação, digna de ser “consagrada”. Partindo do ser leiga secular, ela quer levar até ao fim esta secularidade através da consagração: esta é a secularidade segundo o Espírito.

Isto explica a paixão pelo mundo que animou Armida Barelli e as irmãs que a seguiram: uma paixão pelo mundo porque este é o mundo que “Deus amou tanto que deu o seu Filho único”<sup>2</sup>, este é o mundo em que o Reino de Deus cresce, como uma semente que germina e cresce sem ninguém saber como, assim como o grão de mostarda que cresce de uma pequena árvore até um grande arbusto.<sup>3</sup> O Reino de Deus é o mesmo mundo transformado pelo poder do Espírito de Deus e do seu amor, um Reino já inaugurado por Cristo e que se desenvolve, nas tramas da história, até à sua vinda final. Este mundo é o coração da sua vocação.

Armida Barelli, e vocês também com ela, compreenderam que esta secularidade é um valor digno de consagração: a sua secularidade consagrada manifesta a santidade do próprio Deus no seu estar no mundo como fermento do Reino, como sementes daquele mundo novo que nos aguarda. A Realeza de Cristo, da qual sois missionárias, é o pleno desenvolvimento daquele Reino que Ele anunciou.

Poderíamos falar muito desta bela secularidade consagrada que é a vossa vocação, mas não temos tempo agora.

### *A qualidade Franciscana da secularidade*

Desejo antes esclarecer a dimensão franciscana desta vocação no vosso Instituto, que nasceu colocando a secularidade no centro da família espiritual franciscana. Isso certamente se deve também à presença do Frei Agostino Gemelli ao lado de Armida Barelli, nas origens do Instituto, mas creio que não é apenas a coincidência da presença de um Frei que determina esta característica. Pelo contrário, existe uma profunda harmonia entre a intuição da secularidade segundo o Espírito e a espiritualidade franciscana. Tentarei ilustrar alguns elementos desta harmonia entre secularidade e franciscanismo.

### *Espiritualidade fraterna*

---

<sup>2</sup> Cfr Jo 3,16

<sup>3</sup> Cfr Mc 4,26-32

O primeiro elemento de harmonia consiste na característica fraterna da espiritualidade franciscana, onde a presença do irmão ou da irmã é um elemento central. O próprio Francisco, no seu *Testamento*, inicia a sua conversão com o encontro com os leprosos: estes irmãos sofredores e marginalizados tornam-se para ele a revelação de Deus, no sinal do “mostrar misericórdia”. Podemos dizer que para Francisco o outro se torna sacramento de Deus, porque Deus se revela através do rosto do outro. Isto é verdade não só no início da aventura cristã de Francisco, mas em cada passo: os irmãos são uma constante, sem descurar todas as dificuldades que o relacionamento com eles acarreta.

Tal importância da presença dos outros no encontro com Deus mostra grande sintonia com a intuição da secularidade. A relação com os outros é uma dimensão essencial da secularidade: o mundo em que estamos inseridos, de fato, não é apenas o ambiente natural, mas sobretudo o mundo social, feito de relações com as pessoas. O secular tece mil relações com as pessoas que encontra e a perspectiva franciscana ajuda-o a vivê-las, como tantas outras oportunidades de encontro com Deus. Os outros não são um obstáculo na minha relação com Deus, quase como se para estar em relação com Deus fosse necessário deixar de lado os outros: como franciscanos, em cada pessoa que encontramos somos convidados a perceber um sinal da presença de Deus.

### *O Cântico: ecologia integral*

Um segundo elemento de harmonia é o que nos é oferecido pela visão franciscana da criação. Aqui a referência fundamental é o Cântico das Criaturas ou do Irmão Sol, que revela um olhar capaz de captar Deus na criação e na história. Não só no mundo natural, como mostram os versículos dedicados ao sol, à lua, à água, ao ar, à terra e ao fogo, mas também no mundo social, como mostra o versículo dedicado ao perdão e à resistência às enfermidades e tribulações, que gera uma paz misteriosa. É uma abordagem que hoje chamamos de ecologia integral, ou seja, um cuidado da casa comum que inclui, juntos, o ambiente natural e o social, que estão intimamente ligados.

Tal atitude está particularmente em sintonia com a pessoa secular, que na sua relação com o mundo hoje se vê obrigada a gerir as questões do meio ambiente e da integração social: a espiritualidade franciscana oferece chaves de interpretação muito úteis para se posicionar no caminho certo o

compromisso com a ecologia integral, que afeta tanto o ambiente como a sociedade e que é absolutamente urgente para o mundo de hoje.

### *A ação*

Outro elemento da espiritualidade franciscana é aquele indicado por Agostino Gemelli no último capítulo de seu volume *O Franciscanismo*, quando indica a missão do franciscanismo na vida moderna, e identifica que uma palavra específica para hoje é a valorização da ação.

Francisco, de fato, não opta por viver num eremitério durante toda a sua vida: o eremitério, que é também um componente da espiritualidade franciscana, é para ele uma pausa na sua vida ativa, vivida entre as pessoas. A atividade é um elemento essencial da vida franciscana, que descobre a presença do Espírito precisamente na ação.

Uma das frases-chave em que Francisco resume a sua intuição espiritual é o convite a “desejar ter acima de todas as coisas o Espírito do Senhor e a sua santa operação”.<sup>4</sup> Destaco que une o Espírito à operação, isto é, à ação. E acredito que não deve ser interpretado apenas no sentido moral, segundo o qual em nossas ações devemos ser consistentes com a fé, mas também no sentido mais profundo de compreender a presença do Espírito na obra santa. Talvez haja um eco da sua experiência, quando, ao mostrar misericórdia para com os leprosos (e sublinho que é um fazer, uma ação), ele experimentou a ação do Espírito que transformou o que havia de amargo nele em doçura para a “alma e para o corpo”.

A santa operação com os leprosos revelou-se para ele uma manifestação do Espírito, e por isso Francisco nos convida a fazer o mesmo, para discernir na vida, nos acontecimentos e sobretudo nas nossas próprias ações o chamado do Espírito, que nos sugere como fazer melhor, como tornar a nossa operação cada vez mais sagrada.

É evidente que esta atenção à ação e à prática está em profunda harmonia com a experiência da pessoa secular, que vive num mundo que valoriza a ação em todos os sentidos. Sabemos que o risco do nosso mundo é precisamente o ativismo, que nos esgota numa ação que perde o sentido da própria ação; num mundo assim feito, é extremamente adequada a perspectiva franciscana, que não nos pede para suspender as nossas ações (o que não podemos fazer), mas para vivê-las com uma consciência diferente,

que sabe reconhecer os sinais do Espírito de Deus, os sinais dos tempos através dos quais o próprio Deus nos fala.

### *A pobreza relacional*

A espiritualidade franciscana é famosa pelo tema da pobreza: aqui pode-se pensar que esta não está tão em sintonia com a secularidade, que vive, trabalha e trafica no mundo utilizando os bens do mundo. Mas se ouvirmos atentamente São Francisco, percebemos que a pobreza de que ele fala deve ser vivida sobretudo nas relações com os outros, e isto é certamente muito secular. Na Admoestação 14, que comenta a bem-aventurança da pobreza de espírito, Francisco nos fala assim:

1 Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5, 3).

2 São muitos os que, aplicando-se insistentemente às orações e às ocupações, praticam muitas abstinências e mortificações corporais, 3 mas a uma única palavra que pareça um insulto à sua pessoa, ou a algo que lhes seja tirado, escandalizam-se, imediatamente se irritam.

4 Estes não são pobres de espírito, pois quem é verdadeiramente pobre de espírito odeia a si mesmo e ama aqueles que lhe batem no rosto.

É interessante notar que, para ilustrar o que é a pobreza, Francisco descarta a de quem “faz muita abstinência e mortificação corporal” e dá o exemplo de duas relações: aquela com alguém que lhe diz uma palavra insultuosa ou com alguém que tira algo que você considera seu. Ali se verifica se alguém é verdadeiramente pobre, se será capaz de suportar com paciência estas relações difíceis.

Trata-se daquela que gosto de chamar de “pobreza relacional”, e que todas vocês são chamadas a viver na condição secular. Esta pobreza nas relações com os outros se expressa também com o adjetivo “menor” que Francisco escolhe para si e para os seus irmãos, escolhendo o nome de “frades menores”. Menor significa o mais pequeno: é a pobreza relacional de que estava a falar. Uma consequência desta atitude é a liberdade e a alegria.

Vocês sabem melhor do que eu o quão preciosa é esta pobreza na vida secular: quando vocês falam e agem como franciscanos, como aqueles que não têm nada a defender e nada a perder, vocês vivem livres no uso de tudo e no desapego de tudo e, portanto, você experimenta alegria.

### *A missão*

Um último elemento de harmonia entre o franciscanismo e a secularidade parece-me ser o tema da missão, particularmente querido de vocês, missionárias da Realeza. Nos Escritos de Francisco de Assis a missão é indicada com a expressão “ir pelo mundo”. Nas Regras, de fato, um capítulo é dedicado a “Como caminham os irmãos pelo mundo”, e nesse capítulo falamos da missão, que consiste antes de tudo no testemunho. Ainda mais explicitamente, na primeira Regra, um outro capítulo é também dedicado a “aqueles que vão entre os sarracenos e outros infiéis”, isto é, aqueles que hoje chamaríamos de missionários, e diz-se que eles podem se comportar espiritualmente entre eles de duas maneiras. Uma maneira é não brigarem nem discutirem, *mas submeterem-se a toda criatura humana por amor de Deus* (1Pd 2, 13) e confessarem que são cristãos. A outra maneira é que, ao verem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus para que creiam em Deus Pai todo-poderoso e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas, e no Filho, Redentor e Salvador, e sejam batizados e tornem-se cristãos.

A primeira forma é a do testemunho silencioso, humilde e submisso, que não tem medo de declarar que é cristão, se solicitado, mas que evita discussões e disputas. A segunda forma consiste em anunciar a palavra do Evangelho, mas apenas «quando virem que agrada a Deus».

Parece-me que é uma descrição muito útil também para vós, que estais no mundo como presença humilde e silenciosa de testemunhas seculares do Evangelho, e que evitais uma evangelização bombástica e agressiva. O vosso «caminhar pelo mundo», para usar a expressão de Francisco, é a substância da vossa evangelização, do vosso ser missionárias. E como vocês sabem melhor do que eu, vocês também são facilitadas nisso pela vossa reserva, que vos permite entrar com desenvoltura em qualquer lugar e em qualquer grupo de pessoas, levando a luz do vosso testemunho.

### *Conclusão*

Concluo: procurei aliar a intuição da secularidade segundo o Espírito e a espiritualidade franciscana, captando as harmonias que compõem o carisma das Missionárias da Realeza de Cristo, seculares e também franciscanas por vocação. Distinguimos estas duas dimensões para maior clareza lógica, mas na vivência de cada uma de vocês elas são uma e a mesma, porque o carisma não é uma teoria, mas uma vida que cada uma de vocês interpreta à sua

maneira. E também nisto sois (e nós somos) franciscanos: neste profundo respeito pela singularidade de cada uma e de cada um. Se outras espiritualidades cristãs educam as pessoas para serem bons soldadinhos, tão iguais quanto possível entre si, em nossa casa vocês não encontrarão um franciscano igual a outro.

E o Instituto reflete bem esta característica, com a especial capacidade de viver o mesmo carisma em mil formas diferentes, que no entanto remetem a um estilo que nos une. É a graça da vossa vocação que é, ao mesmo tempo, secular e franciscana.